



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E
RESPECTIVAS LITERATURAS

VANESSA SOARES DA SILVA

**NARRATIVAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO X: UM ESTUDO
SEMIOLINGUÍSTICO DO DISCURSO POLÍTICO-IDEOLÓGICO DE DIREITA**

CAXIAS-MA

2025

VANESSA SOARES DA SILVA

**NARRATIVAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO X: UM ESTUDO
SEMIOLINGUÍSTICO DO DISCURSO POLÍTICO-IDEOLÓGICO DE DIREITA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras, da
Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA), *Campus* Caxias, como requisito
parcial à obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Andressa
Mayara Bezerra de Oliveira Lima

CAXIAS-MA

2025

S586c Silva, Vanessa Soares da

Narrativas sobre as mudanças climáticas no X: um estudo semiolinguístico do discurso político-ideológico de direita / Vanessa Soares da Silva. __Caxias: Campus Caxias, 2025.

52f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof^a. Dra. Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima.

1. Discurso político. 2. Mudanças climáticas. 3. Estratégias discursivas. I Título.

CDU 81'42

VANESSA SOARES DA SILVA

NARRATIVAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO X: UM ESTUDO SEMIOLINGUÍSTICO DO DISCURSO POLÍTICO-IDEOLÓGICO DE DIREITA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Caxias, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima

Aprovada em: 15/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ANDRESSA MAYARA BEZERRA DE OLIVEIRA LIMA

Data: 27/03/2026 16:48:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Andressa Mayara Bezerra De Oliveira Lima (Orientadora)

Doutora em Letras (UFPI)

Documento assinado digitalmente



VILMA RODRIGUES MASCARENHAS

Data: 27/03/2026 19:41:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Vilma Rodrigues Mascarenhas

Mestra em Literatura, Memória e Cultura (UESPI)

Documento assinado digitalmente



ANTONIA MIRAMAR ALVES SILVA ALMADA LIMA

Data: 27/03/2026 17:01:50-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Especialista Antonia Miramar Aives Silva de Almada Lima

Especialista em Língua Portuguesa (UESPI)

A Jeová, minha família, amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Jeová, pelo dom da vida e por continuar me sustentando todos os dias. Foi Ele quem me deu forças quando precisei, quem acalmou meu coração em dias difíceis, quem me ajudou a enfrentar desafios que pareciam maiores que eu e quem me guiou para que eu permanecesse firme até aqui. Nada disso teria sido possível sem o cuidado amoroso de Jeová.

Agradeço profundamente aos meus pais, que abriram mão de tantos desejos pessoais para que eu tivesse a oportunidade de uma formação superior que eles não tiveram. Em especial, agradeço à minha mãe, por todo apoio financeiro e, principalmente, emocional durante toda essa jornada. Sua dedicação, presença e sacrifícios silenciosos foram essenciais.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando em todos os momentos, deixo aqui minha sincera gratidão.

Sou igualmente grata aos meus irmãos de fé, que tantas vezes foram apoio espiritual e emocional quando precisei, refletindo o amor de Jeová por meio de suas palavras e ações.

Aos meus amigos da faculdade, agradeço pelos incentivos, conselhos, ajuda, companhia e por tornarem a caminhada acadêmica mais leve.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores que fizeram parte do meu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Cada orientação, comentário, explicação e correção contribuiu para a formação não só da estudante, mas também da pessoa que me tornei.

E, por último, mas de forma alguma menos importante, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima, por sua paciência e atenciosidade que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram positivamente e sinceramente para que eu chegasse até aqui: muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos sobre mudanças climáticas produzidos por perfis políticos de direita na plataforma X (Twitter), à luz da Análise do Discurso de base semiolinguística. A pesquisa parte da premissa de que a plataforma configura um espaço central de disputa narrativa e ideológica sobre o tema. A metodologia adotada é de caráter qualitativo e bibliográfico, e o corpus é composto por sete postagens de políticos de direita, coletadas entre 2023 e 2025. As etapas da pesquisa incluíram revisão teórica, seleção do corpus e análise dos recursos linguísticos e estratégias discursivas. A análise identificou três principais eixos de construção de sentido nas narrativas: o negacionismo científico, a minimização da urgência climática e a politização do tema como uma "guerra cultural". Por fim, discutiu-se como essas estratégias operam no contrato comunicativo do X para produzir persuasão e consolidar visões de mundo. Conclui-se que o trabalho atinge seu objetivo ao demonstrar como a Análise Semiolinguística desvela as relações entre linguagem, poder e ideologia na esfera digital.

Palavras-chave: discurso político; mudanças climáticas; estratégias discursivas.

ABSTRACT

This study aims to analyze discourses on climate change produced by right-wing political profiles on the platform X (Twitter), through the lens of Semiolinguistic Discourse Analysis. The research is based on the premise that the platform constitutes a central space for narrative and ideological dispute surrounding the topic. The methodology is qualitative and bibliographic, and the corpus consists of seven posts published by right-wing politicians between 2023 and 2025. The research stages included theoretical review, corpus selection, and analysis of linguistic resources and discursive strategies. The analysis identified three main axes of meaning construction in the narratives: scientific denialism, the minimization of climate urgency, and the politicization of the topic as part of a “cultural war.” Finally, the study discusses how these strategies operate within X’s communicative contract to produce persuasion and reinforce specific worldviews. The findings demonstrate that Semiolinguistic Discourse Analysis reveals the relationships between language, power, and ideology in the digital sphere.

Keywords: political discourse; climate change; discursive strategies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DISCURSO, IDEOLOGIA E REDES SOCIAIS.....	13
2.1 A análise semiolinguística do discurso.....	13
2.2 O X como espaço de produção discursiva	16
3 RECURSOS LINGÜÍSTICOS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO AMBIENTE DIGITAL	20
3.1 Recursos linguísticos em plataformas digitais.....	21
3.2 Estratégias discursivas no contexto político-ideológico.....	24
4 ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO X.....	27
4.1 Elementos discursivos presentes nas postagens	27
4.2 Sentidos mobilizados pelas narrativas de direita.....	44
5 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	52

1. INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas, intensificadas nas últimas décadas, tornaram-se um dos temas mais debatidos no cenário global, e despertaram preocupações científicas, políticas e sociais. A ocorrência cada vez mais frequente de eventos extremos, como secas, enchentes e ondas de calor, tem alimentado debates sobre causas, consequências e possíveis soluções para esse fenômeno. Esses debates não se restringem ao campo científico, mas se expandem para o âmbito político-ideológico, no qual diferentes atores sociais disputam sentidos e constroem narrativas próprias sobre o tema.

É nesse contexto que o *Twitter*, atualmente denominado X, se apresenta como espaço discursivo estratégico. A rede social é caracterizada pela velocidade de circulação de informações, possibilidade de multimodalidade e pela diversidade de vozes, o que a torna espaço fértil para a propagação de discursos sobre o clima. Nesse espaço, os perfis com posicionamento político-ideológico de direita produzem narrativas particulares sobre as mudanças climáticas, valendo-se de estratégias discursivas que visam persuadir o público e mobilizar sentidos em favor de suas narrativas. Entre essas estratégias, destacam-se aquelas que tendem a deslegitimar o discurso científico sobre o aquecimento global, como o uso de ironia, descrédito de fontes especializadas, minimização de riscos ambientais e a associação das pautas climáticas a interesses políticos ou ideológicos específicos. Dessa forma, o corpus deste trabalho é composto por postagens produzidas por esses perfis, permitindo analisar como o discurso sobre o clima é construído no ambiente digital.

Para essa análise, tomamos como base a abordagem semiolinguística da Análise do Discurso. Essa vertente oferece instrumentos relevantes para a compreensão desses fenômenos.

Como destaca Charaudeau (2006), todo discurso é atravessado por condições de produção que articulam sujeito, linguagem e sociedade, revelando marcas ideológicas em sua materialidade. Nesse sentido, ao observarmos as postagens no Twitter, torna-se possível identificar não apenas os recursos linguísticos e visuais mobilizados, mas também as estratégias de persuasão que sustentam determinadas visões de mundo.

A articulação entre discurso, ideologia e meio digital revela como as narrativas não apenas informam, mas moldam percepções e posicionamentos

sociais sobre o problema climático. A circulação massiva dessas narrativas, aliada à polarização política que caracteriza o debate atual, evidencia a necessidade de um olhar crítico que permita compreender como sentidos são construídos e difundidos.

Dessa forma, este trabalho se insere nesse panorama ao propor a seguinte problematização: como os perfis com posicionamento político-ideológico de direita no Twitter estruturam seus discursos sobre as mudanças climáticas e quais sentidos emergem dessas estratégias discursivas?

O objetivo geral deste trabalho é analisar os discursos sobre mudanças climáticas produzidos por perfis com posicionamento político-ideológico de direita no Twitter, a partir da perspectiva semiolinguística. Para alcançar essa finalidade, estabelecemos três objetivos específicos: (I) investigar como os discursos ideológicos sobre mudanças climáticas se manifestam nas redes sociais, especialmente no X; (II) analisar os recursos linguísticos, imagéticos e estratégias discursivas empregados nas postagens; e (III) identificar os sentidos construídos nas narrativas desses perfis sobre as mudanças climáticas.

A metodologia adotada neste trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica aliada à análise qualitativa de um corpus composto por cinco (5) postagens selecionadas na plataforma X. A identificação dos perfis considerados 'de direita' foi realizada a partir da autodenominação dos próprios usuários e, sobretudo, por meio da comprovação de filiação partidária a partidos que se classificam publicamente como de direita.

Inicialmente, o recorte temporal planejado limitava-se ao ano de 2024. No entanto, durante a fase de coleta, constatou-se uma escassez de publicações sobre mudanças climáticas por parte de políticos de direita brasileiros nesse período específico, com a maioria dos poucos conteúdos encontrados sendo concentrada em membros da família Bolsonaro. Para evitar uma restrição excessiva que comprometesse a diversidade e a representatividade do corpus, optou-se por ampliar o recorte para os anos de 2023 a 2025. Esta ampliação foi essencial para garantir um volume e uma variedade mínimos de material que permitissem uma análise discursiva consistente, embora mantendo o foco na contemporaneidade do debate.

O corpus foi obtido por meio da ferramenta de busca da própria rede social, combinando termos relacionados ao tema da pesquisa (como ‘mudanças climáticas’, ‘aquecimento global’, ‘meio ambiente’, entre outros). Foram incluídas apenas postagens provenientes de contas de políticos que, no momento da publicação, estiveram comprovadamente filiados a partidos de direita, sendo excluídos perfis anônimos, não verificados ou sem comprovação de filiação partidária. A coleta de dados ocorreu entre 27 de outubro e 25 de novembro de 2025. Os critérios de seleção também consideraram o alcance da postagem, medido pelo número de seguidores dos perfis e pela quantidade de curtidas e compartilhamentos (repostagens), priorizando conteúdos que geraram maior engajamento e, portanto, maior circulação discursiva.

O procedimento analítico foi fundamentado na Análise do Discurso de base semiolinguística (Charaudeau) e envolveu três etapas principais: (I) seleção e descrição do corpus; (II) levantamento e revisão da bibliografia teórica; e (III) análise propriamente dita das postagens. A análise foi feita seguindo os seguintes procedimentos:

1. Identificação das Condições de Produção: Identificação do perfil (sujeito comunicante), data, contexto eventual e descrição do conteúdo material (texto, imagens, *hashtags*).

2. Análise dos Recursos Linguísticos e Semióticos: Exame dos elementos concretos do texto, divididos em:

- Nível Léxico-Semântico: Escolha de palavras, campos semânticos dominantes (ex.: fraude, liberdade, custo) e seu valor axiológico.

- Nível Estilístico: Identificação de figuras de linguagem (ironia, metáfora, hipérbole) e recursos gráficos (emoji, pontuação).

- Recursos Multimodais: Relação entre texto e elementos visuais/audiovisuais.

3. Identificação das Estratégias Discursivas: Interpretação de como os recursos acima são mobilizados para:

- Construir uma imagem de si (*ethos*)
- Mobilizar emoções (*pathos*)
- Apresentar uma argumentação (*logos*)
- Desqualificar o adversário

4. Interpretação dos Efeitos de Sentido e Relação com a Ideologia.

A interpretação dos efeitos de sentido foi conduzida considerando simultaneamente (i) as escolhas linguístico-discursivas presentes nos *tweets*; (ii) as estratégias enunciativas empregadas para orientar a interpretação; (iii) o contexto de circulação característico do X, que impõe determinadas formas de dizer; e (iv) as condições de produção que moldam tanto a intenção do sujeito comunicante quanto as possibilidades de leitura disponíveis ao sujeito interpretante. Essa perspectiva permite examinar como determinados efeitos são construídos no texto e como se tornam possíveis a partir da articulação entre forma, conteúdo, contrato comunicativo e condições de produção.

Os referenciais teóricos que subsidiaram a investigação incluem autores como Patrick Charaudeau, van Dijk, Castells e Bauman. Charaudeau, por meio da abordagem semiolinguística, permite compreender como os sentidos dos discursos são construídos nas interações comunicativas, articulando aspectos linguísticos e semióticos e destacando o papel das estratégias discursivas, do contrato de comunicação e das condições de produção que atravessam o discurso. Van Dijk contribui com a análise do discurso ideológico, evidenciando como diferentes grupos sociais estruturam e controlam narrativas para influenciar percepções e consolidar sentidos socialmente relevantes. Castells, por sua vez, mostra como os ambientes digitais transformam a circulação dos discursos, promovendo a autocomunicação de massas, a multimodalidade e a necessidade de estratégias adaptadas à lógica das redes sociais. Finalmente, Bauman ajuda a compreender como a efemeridade, a volatilidade e a polarização presentes na modernidade líquida moldam a recepção e a interpretação das narrativas nas redes digitais.

O caráter singular do material de análise, que reside em seu ambiente de circulação (um espaço digital marcado pela polarização política e pela disputa de sentidos) faz com que a análise das postagens revele não apenas o conteúdo temático sobre o clima, mas também os mecanismos de persuasão e a disputa ideológica que atravessam o discurso. Dessa forma, compreender os sentidos produzidos nesses textos possibilita ampliar a percepção crítica sobre como questões ambientais são apropriadas em narrativas políticas no meio digital.

A relevância desta pesquisa ultrapassa os limites acadêmicos ao contribuir para o desenvolvimento do letramento crítico digital, capacitando leitores a identificar ideologias implícitas, estratégias de persuasão e formas de legitimação discursiva em textos que circulam nas redes sociais. Além disso, o repositório da Universidade Estadual do Maranhão apresenta uma lacuna no que se refere ao estudo de discursos político-ideológicos contemporâneos em ambientes digitais, especialmente quando articulados à temática climática sob uma abordagem semiolinguística, embora apresente pesquisas relevantes no campo da Análise do Discurso.

Assim, o presente estudo propõe algo novo ao investigar como discursos ideológicos sobre as mudanças climáticas são construídos e circulam no Twitter para sustentar diferentes sentidos sobre a temática, considerando a interface entre linguagem, política e meio ambiente no contexto contemporâneo.

2. DISCURSO, IDEOLOGIA E REDES SOCIAIS

O presente capítulo tem como objetivo discutir os conceitos fundamentais que orientam a análise desta pesquisa. Para isso, será feita uma reflexão sobre a teoria semiolinguística da análise do discurso, que fornece o aporte metodológico e conceitual necessário para compreender como os enunciados se estruturam, em função de condições de produção e estratégias discursivas.

Na sequência, será analisado o papel das redes sociais digitais, em especial o X, como espaço privilegiado de circulação de narrativas político-ideológicas. Essa discussão permitirá compreender como a plataforma potencializa a produção e disseminação de discursos, transformando-se em arena de disputas simbólicas que moldam percepções sociais sobre temas de grande relevância, como as mudanças climáticas.

Assim, os subtópicos deste capítulo se complementam: em 2.1, é explorada a abordagem semiolinguística do discurso, destacando conceitos como contrato de comunicação, condições de produção e estratégias discursivas, que foram mobilizados para a análise do corpus; já em 2.2, será aprofundada a análise do *Twitter/X* como ambiente comunicacional específico, em que a lógica das redes sociais redefine práticas discursivas.

2.1 A análise semiolinguística do discurso

Este subtópico apresenta os fundamentos da abordagem semiolinguística da Análise do Discurso, teoria que fundamenta a investigação proposta neste trabalho e que orientará a interpretação dos enunciados coletados. A explanação acerca dessa vertente teórica é importante para situar o leitor quanto às suas especificidades e conceitos centrais.

A análise do discurso constitui um campo plural, com diferentes vertentes teóricas que buscam explicar como a linguagem constrói sentidos em contextos sociais. Entre essas vertentes, destaca-se a abordagem semiolinguística, desenvolvida por Patrick Charaudeau, que integra os aspectos linguísticos e semióticos em um quadro teórico voltado a compreender como os discursos se organizam nas práticas sociais.

Assim, a semiolinguística busca estudar como a linguagem funciona no interior das práticas sociais. Ela integra, de maneira inseparável, os aspectos semióticos e linguísticos, considerando que a linguagem fala sobre o mundo ao mesmo tempo em que fala sobre si mesma. Nesse sentido, para a teoria semiolinguística proposta por Charaudeau, o ato de linguagem não pode ser entendido como algo simples ou isolado.

Ele constitui um conjunto de ações que produzem sentido e constroem representações do mundo, sempre situadas em condições específicas (quem fala, para quem, em qual contexto) e de acordo com a posição ou o lugar institucional/discursivo de onde a linguagem é transmitida. Isso porque, como ele afirma, “o ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão” (Discurso das mídias, 2013, p. 67).

Todo discurso, portanto, depende das condições de produção que o cercam; o contexto de troca, as intenções comunicativas, os papéis sociais e as ideologias que atravessam os interlocutores. Essa situação de comunicação constitui o quadro de referência ao qual os indivíduos recorrem quando interagem socialmente, delimitando o que pode ser dito e de que modo. É como um palco, com restrições de tempo, espaço e relação, onde se encenam as trocas simbólicas e se constroem valores compartilhados.

O sentido, nesse modelo, não é fixo nem pré-determinado. Ele surge da relação entre quem enuncia e quem interpreta, sendo o resultado de uma cointencionalidade, isto é, da interação entre as intenções de produção e as interpretações do receptor (Charaudeau, 2013, p. 27–28). Por isso, cada texto carrega “efeitos de sentido possíveis”, dependentes da negociação simbólica entre os participantes.

Essa negociação simbólica é formalizada por meio do que Charaudeau denomina “contrato de comunicação”, que representa um acordo implícito entre os participantes de uma situação comunicativa. O contrato de comunicação pressupõe que os indivíduos compartilham práticas sociais e podem chegar a um entendimento sobre as representações languageiras dessas práticas. Charaudeau explica que:

O sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência (Linguagem e discurso, 2016, p. 56).

Portanto, é esse contrato que sustenta a possibilidade de troca e compreensão mútua entre os participantes. Ele pressupõe uma competência compartilhada que permite a construção de sentidos, ainda que esses sentidos sejam sempre instáveis e dependentes da negociação simbólica entre os interlocutores.

A estrutura do contrato é fundamental para que os sentidos sejam construídos, visto que, na perspectiva semiolinguística, esses sentidos não são dados fixos ou pré-determinados, mas sim resultados de um processo dinâmico que depende da organização e do reconhecimento das formas discursivas no interior da situação de comunicação. Charaudeau afirma:

O sentido depende, pois, da estruturação particular dessas formas, cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca comunicativa: o sentido é o resultado de uma cointencionalidade” (Discurso das mídias, 2013, p. 27).

Assim, o sentido surge da intencionalidade compartilhada entre quem enuncia e quem interpreta, sendo uma construção cooperativa mediada pelo contrato comunicacional.

Nas palavras de Charaudeau “o texto produzido carrega ‘efeitos de sentido possíveis’, que resultam tanto da intenção de quem enuncia quanto das interpretações de quem recebe” (Discurso das mídias, 2013, p. 28). Portanto, há sempre uma margem de imprevisibilidade e variação na forma como os sentidos podem ser construídos e compreendidos.

Nessa perspectiva, as estratégias discursivas desempenham um papel essencial, pois dizem respeito às formas como o sujeito comunicante organiza seu discurso para tentar produzir determinados efeitos de sentido no interlocutor. Segundo Charaudeau:

A noção de estratégia repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos – de persuasão ou de sedução – sobre o sujeito

interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar de modo consciente ou não com o sujeito destinatário ideal (TUD) construído por EUc. (Linguagem e discurso, 2016, p. 56).

Assim, Charaudeau entende que o sujeito comunicante organiza seu discurso de maneira estratégica, visando persuadir, seduzir ou mobilizar o interlocutor para que ele se identifique com a visão de mundo projetada no texto. Essas estratégias podem ser manifestadas por meio de recursos linguísticos, visuais e até emocionais, configurando um esforço intencional para produzir efeitos de sentido específicos.

Portanto, a análise semiolinguística do discurso constitui um aporte indispensável para compreender as narrativas sobre mudanças climáticas que circulam no *Twitter/X*. Essa abordagem permite identificar não apenas os conteúdos explícitos, mas também os mecanismos implícitos de persuasão, as intenções projetadas pelos enunciadores e as ideologias que atravessam os discursos. Dessa forma, cria-se uma base sólida para, no próximo tópico, examinar o ambiente digital como espaço de produção discursiva e compreender como sua lógica específica influencia a forma e a circulação dessas narrativas.

2.2 O X como espaço de produção discursiva

Para compreender as dinâmicas discursivas que envolvem as narrativas sobre as mudanças climáticas, é imperioso situar a plataforma onde tais discursos circulam: o X, anteriormente conhecido como *Twitter*. Esta rede social consolidou-se como um ambiente digital singular, cujas características técnicas e sociais influenciam diretamente a produção, a disseminação e a recepção de enunciados.

O Twitter foi lançado em 2006, em um contexto de expansão da Web 2.0, que privilegiava a interatividade e a geração de conteúdo pelos usuários. Sua proposta inicial centrava-se em “*microblogging*”, permitindo que os usuários publicassem mensagens curtas, inicialmente limitadas a 140 caracteres, posteriormente expandidos para 280.

A plataforma evoluiu rapidamente de uma ferramenta de atualização de status pessoal para um espaço de discussão pública, jornalismo cidadão e debate político. Sua popularização foi impulsionada por eventos globais, como as Primaveras Árabes, nas quais se mostrou um canal eficaz para a mobilização social

e a circulação de notícias em tempo real, caracterizando-se como um protótipo do que Castells denominou de “autocomunicação de massa”.

A consolidação do Twitter como uma arena discursiva central para a política e a opinião pública atraiu uma gama diversificada de atores, incluindo jornalistas, celebridades, políticos e acadêmicos. A lógica dos *trending topics* e a funcionalidade do *retweet* criaram mecanismos eficientes para a viralização de ideias e a formação de agendas temáticas, permitindo que determinados assuntos ganhassem proeminência em escala global em questão de horas. Nesse ecossistema, a construção de comunidades discursivas, os chamados *echo chambers* ou câmaras de eco, tornou-se um fenômeno de destaque, onde usuários com visões de mundo semelhantes tendem a se agrupar e a reforçar mutuamente suas crenças.

Em 2023, sob a nova propriedade e gestão de Elon Musk, a plataforma passou por uma transformação identitária profunda: a marca “Twitter” foi oficialmente aposentada e substituída por “X”. Mais do que uma simples mudança de nome, este rebranding simbolizou uma reorientação estratégica ambiciosa, visando transformar a plataforma em uma “*app everything*”, integrando funcionalidades de áudio, vídeo, mensagens, pagamentos e serviços bancários. Como apontado pela BBC, “Musk tem a ambição de transformar o X em um ‘aplicativo para tudo’, um ponto único de acesso a diversos serviços online” (BBC News, 2023). Essa transição foi acompanhada por significativas alterações nas políticas de moderação de conteúdo. Para os propósitos desta pesquisa, a mudança para X é relevante na medida em que pode ter alterado o contrato de comunicação vigente na plataforma, redefinindo implicitamente as normas de conduta e as expectativas sobre o que pode ou não ser dito, especialmente em temas politicamente sensíveis como as mudanças climáticas.

É neste contexto histórico e técnico que o X se configura como um espaço de produção discursiva privilegiado para a análise proposta. Sob a ótica semiolinguística, a plataforma opera sob uma lógica comunicacional específica que redefine radicalmente as condições de produção do discurso. A instantaneidade, a multimodalidade (texto, imagem, vídeo, links) e a hiper-conectividade criam um cenário marcado pela superabundância informacional e pela acirrada disputa pela atenção. Nesse ambiente, o sujeito comunicante, ao postar, não se dirige apenas a seus seguidores diretos, mas potencialmente a uma rede amplificada e imprevisível

pela lógica dos algoritmos. Essa situação exige um reajuste constante do contrato de comunicação: a relação entre enunciador e interpretante é mediada por expectativas de brevidade, impacto imediato e engajamento métrico (curtidas, compartilhamentos), que passam a integrar a própria economia dos sentidos.

A arquitetura técnica da plataforma é, portanto, um agente fundamental na moldagem da enunciação. O limite de caracteres, mais do que uma restrição, constitui um imperativo de síntese extrema que formata o pensamento e a expressão. Essa economia linguística favorece a produção de enunciados do tipo *claim* (afirmação peremptória) e *slogan*, em detrimento de argumentações desenvolvidas e matizadas.

Como bem observado por Gillespie (2014) “se os usuários falharem ou se recusarem a se encaixar nas suas práticas e a conceder significado a elas, o algoritmo irá falhar. Isso significa que não devemos considerar seus ‘efeitos’ nas pessoas, mas um ‘entrelaçamento’ multidimensional entre algoritmos postos em prática e as táticas dos usuários que fazem face a eles.”

Para operar dentro desse quadro, os usuários optam por adotar recursos linguísticos condensadores de sentido, como a ironia, que permite dizer o contrário do literal com um efeito de crítica ágil; a hipérbole, que amplifica uma ideia para torná-la mais visível no fluxo contínuo; e o uso estratégico de hashtags, que funcionam como operadores de enquadramento (*framing*), que segundo Todd Gitlin são:

Princípios de seleção, ênfase e apresentação, compostos por pequenas teorias tácitas sobre o que existe, o que acontece e o que importa. [...] Frames midiáticos são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais aqueles que manipulam símbolos organizam rotineiramente o discurso, seja verbal ou visual. (Gitlin, 1980, p. 6-7)

Assim, os enquadramentos idexam o discurso a comunidades temáticas e disputando a definição dos termos do debate.

Essas condições materiais criam um terreno singularmente fértil para a encenação de estratégias discursivas típicas do embate político-ideológico. A necessidade de construir uma imagem de si (*ethos*) credível e impactante em poucas palavras leva à adoção de personagens discursivos nítidos e muitas vezes polarizados (o “combatente da verdade”, o “defensor da liberdade”). A lógica da

viralização, que recompensa a provocação e a emoção, incentiva a mobilização de afetos (*pathos*), como a indignação ou o sarcasmo, como moeda de engajamento. Ainda que a brevidade limite a complexidade argumentativa, a construção de uma aparência de lógica (*logos*) muitas vezes se dá através de silogismos truncados ou da apresentação de dados isolados como “prova definitiva”. Por fim, a funcionalidade de quote tweet (comentar retweetando) e a própria dinâmica de réplica instantânea instrumentalizam a desqualificação do adversário, transformando-a em um espetáculo público e interativo, no qual o ataque direto pode ser mais eficaz para gerar visibilidade do que a refutação detalhada.

Dessa forma, o X configura-se muito mais do que um simples canal de transmissão. Ele é um sistema semiótico-tecnológico ativo, um espaço discursivo onde as regras do jogo comunicacional são profundamente marcadas por sua arquitetura. Analisar discursos políticos neste ambiente, portanto, exige compreender que a plataforma não é um palco neutro, mas um co-produtor dos sentidos, definindo as formas possíveis da fala e premiando certos tipos de performance enunciativa. Esta compreensão é fundamental para, no capítulo seguinte, examinarmos com precisão os recursos linguísticos e as estratégias discursivas que os perfis de direita mobilizam para construir suas narrativas sobre as mudanças climáticas, pois tais escolhas são, em grande medida, uma resposta adaptativa a esse contrato de comunicação singular do digital.

3. RECURSOS LINGUÍSTICOS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS EM PLATAFORMAS DIGITAIS

A comunicação humana passou por um longo processo de transformação, desde as formas mais rudimentares de troca de informações; como gestos, desenhos e narrativas orais; até chegar à complexidade das interações digitais contemporâneas. Nesse contexto, Castells afirma:

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamei de autocomunicação - o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada. (Castells, 2017, p. 21).

Assim, com o avanço das tecnologias de informação e o desenvolvimento da internet, o processo comunicativo se tornou ainda mais dinâmico, fragmentado e interativo.

Nesse contexto, Crystal (2004, p.76) afirma que “[...] há dez mil anos, não aparecia um meio de comunicação novo que afetasse toda humanidade.” De fato, o surgimento da internet impactou profundamente a existência humana. Atualmente, as redes sociais assumem papel de destaque na mediação dos discursos e na formação de opiniões.

De acordo com Castells (2017), “as redes de poder o exercem sobretudo influenciando a mente humana (mas não apenas) mediante as redes multimídia de comunicação de massa. Assim, as redes de comunicação são fontes decisivas de construção do poder.” Portanto, Plataformas como o X (antigo Twitter) exemplificam essa nova configuração comunicativa, em que texto, imagem, vídeo e hiperlinks se entrelaçam para compor enunciados multimodais de circulação rápida e ampla. O caráter público e imediato dessas interações confere aos usuários não apenas a possibilidade de expressão, mas também a de construção e sustentação de posicionamentos ideológicos, sociais e culturais por meio de seus discursos.

Nos textos publicados nessas plataformas, é possível observar o uso de diversos recursos linguísticos e estratégias discursivas empregados de modo intencional pelos usuários para sustentar argumentos, construir identidades e persuadir seus interlocutores. Esses elementos, embora muitas vezes sutis, exercem papel decisivo na configuração do sentido e na forma como o discurso é recebido e interpretado. Assim, compreender como os sujeitos se valem desses recursos é fundamental para entender os modos de produção e circulação dos discursos nas redes.

3.1 Recursos linguísticos em plataformas digitais

Os recursos linguísticos podem ser entendidos como possibilidades que a língua oferece para expressar ideias. Em outras palavras, os recursos linguísticos, são instrumentos estruturais da língua; elementos fonológicos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e retóricos; que, ao serem selecionados pelo falante, constroem o texto em sua materialidade.

No contexto das redes sociais, esses recursos assumem especial relevância, uma vez que a limitação de espaço e o caráter efêmero das postagens exigem síntese expressiva, clareza argumentativa e, muitas vezes, impacto emocional imediato. A escolha de uma palavra, o uso de uma metáfora, uma estrutura sintática marcada ou mesmo a presença de recursos gráficos (como o uso de letras maiúsculas, emojis e hashtags) podem modificar substancialmente o sentido do enunciado.

Considerando a diversidade de recursos possíveis de serem encontrados em postagens do X, é importante delimitar o campo de análise. Sendo assim, podemos dividir os recursos linguísticos em níveis principais: léxico-semântico e estilístico.

a) Nível léxico-semântico

O léxico desempenha um papel central na construção de sentido e na definição da identidade discursiva de um sujeito. As palavras escolhidas em um enunciado não apenas comunicam informações, mas também revelam valores, intenções e posicionamentos ideológicos. Assim, o uso de determinados termos

pode expressar a subjetividade do falante e orientar a forma como o discurso será interpretado. Essa relação entre escolha lexical e posicionamento argumentativo é destacada por Amossy, ao afirmar:

"Alguns lexemas, quer se trate de verbos, substantivos ou adjetivos, têm em si um valor axiológico (eles implicam um julgamento de valor). Ao manifestar a inscrição da subjetividade na linguagem, logo de início conferem ao enunciado uma orientação argumentativa. [...] O peso das palavras se deixa apreciar melhor na medida em que conhecemos a sua frequência e a sua distribuição, e até mesmo a sua história, em algumas formações discursivas. (Amossy, 2018, p. 174-175)

Sendo assim, seleção vocabular de um enunciador reflete, além do tema abordado, sua visão de mundo, sua filiação ideológica e a maneira como percebe o outro. Podemos perceber isto ao agrupar palavras em campos semânticos ou domínios de experiência com palavras associadas a determinadas esferas de significação, como natureza, política, moralidade, ciência, religião, violência, entre outras.

Esses domínios servem para reforçar representações sociais e legitimar posições discursivas. Por exemplo, ao empregar termos associados à pureza, limpeza ou ordem, o usuário pode atribuir a si ou ao grupo com o qual se identifica uma conotação positiva, ao mesmo tempo em que projeta sobre o outro atributos negativos, como sujeira, corrupção ou caos. Assim, a escolha lexical transcende a mera função referencial e passa a desempenhar um papel simbólico e argumentativo.

b) Nível estilístico

Além das escolhas lexicais, a forma expressiva do texto também desempenha papel fundamental na construção do sentido.

Esse plano, que corresponde ao nível estilístico, diz respeito ao uso que o falante faz das possibilidades formais da língua; sejam fonológicas, morfológicas, sintáticas ou semânticas; para tornar sua mensagem mais viva, enfática ou com forte apelo emocional.

Segundo Bechara (2009, p. 393), entende-se por estilo “o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e de apelo”.

Desse modo, o estilo é a dimensão da língua em que o falante imprime marcas de sensibilidade e emoção, utilizando recursos que ultrapassam a simples representação intelectual do pensamento para alcançar também a esfera afetiva da comunicação.

A Estilística, portanto, “não é o estudo de uma parte da linguagem, mas da linguagem inteira, observada de um ângulo particular”, investigando o valor expressivo dos sons, das formas, das construções e das significações (BECHARA, 2009, p. 397).

Entre os seus campos, encontram-se a estilística fônica, morfológica, sintática e semântica; sendo esta última responsável pelo estudo do uso expressivo das chamadas figuras de linguagem, como as metáforas, metonímias, hipérboles, antíteses e eufemismos.

Essas figuras são, assim, recursos linguísticos por meio dos quais o falante cria relações inesperadas entre palavras e ideias, intensificando o sentido e a expressividade do texto.

No ambiente digital, seu uso é recorrente, pois a limitação de espaço e a rapidez da comunicação favorecem enunciados que se destaquem pela força expressiva e imagética. Metáforas e comparações, por exemplo, condensam ideias complexas em imagens acessíveis e compartilháveis, facilitando a identificação e a circulação de significados entre os usuários.

Ao transformar conceitos abstratos em imagens concretas, esses recursos não apenas enriquecem a linguagem, mas também revelam o modo como os sujeitos percebem e organizam a realidade, articulando emoção, imaginação e forma linguística.

O presente estudo busca identificar e analisar os principais recursos linguísticos empregados nos textos selecionados, observando como as escolhas lexicais e estilísticas contribuem para a construção e sustentação dos discursos nas redes sociais. A partir dessa análise, será possível compreender de que modo tais recursos participam da formação do discurso político-ideológico de direita sobre as mudanças climáticas.

3.2 Estratégias discursivas no contexto político-ideológico

Conforme visto no capítulo anterior, o discurso constitui uma prática social situada, regida por um contrato de comunicação que organiza as posições, papéis e expectativas dos sujeitos envolvidos no ato comunicativo. No caso do discurso político, esse contrato ganha características particulares, pois nele o sujeito comunicante tende a buscar construir uma relação de credibilidade e adesão com seu público, mobilizando diferentes recursos linguísticos e discursivos para alcançar seus propósitos persuasivos.

As estratégias discursivas, portanto, são recursos fundamentais que representam o modo como o sujeito comunicante planeja e encena suas intenções no discurso, a fim de orientar a interpretação do interlocutor.

Essas estratégias, como observa Charaudeau, oscilam entre dois polos fundamentais: a fabricação de uma imagem do real e a fabricação de uma imagem de ficção. No primeiro polo, o discurso busca construir um efeito de verdade, apresentando-se como representação fiel de uma realidade exterior ao sujeito. Já no segundo, cria-se uma imagem simbólica ou imaginária, capaz de despertar identificação, emoção e engajamento no público. No discurso político, ambos os polos frequentemente coexistem e se entrelaçam: a “imagem de real” legitima o discurso como racional e objetivo, enquanto a “imagem de ficção” o reveste de emoção, tornando-o atraente e memorável.

Essa oscilação entre razão e emoção pode ser compreendida à luz da tríade *logos*, *ethos* e *pathos*, retomando os princípios aristotélicos reelaborados por Charaudeau na análise do discurso político. O *logos* corresponde à dimensão racional e argumentativa, pela qual o locutor fundamenta suas proposições; o *ethos* diz respeito à imagem de si construída no ato de fala, que busca transmitir credibilidade e proximidade; e o *pathos* refere-se à mobilização das emoções do auditório, colocando-o em determinada disposição afetiva. Assim, a encenação discursiva do político pode oscilar entre a ordem da razão e a da paixão, fundindo essas dimensões de modo a persuadir tanto pela lógica quanto pela emoção.

Uma das principais estratégias discursivas observadas nesse contexto é a construção da imagem de si. Como afirma Charaudeau, não existe ato de linguagem que não envolva a projeção de uma imagem do locutor; toda enunciação faz transparecer quem fala e como deseja ser percebido. No caso do discurso político, essa construção do *ethos* tende a ser estratégica, pois o sujeito comunicante geralmente procura projetar uma identidade discursiva que inspire confiança, autoridade e empatia. Essa imagem de si funciona, portanto, como uma ferramenta de persuasão: ao mesmo tempo em que representa um sujeito racional e comprometido com a verdade (dimensão do *logos*), ela também procura despertar identificação e credibilidade afetiva (dimensão do *pathos*).

Outra estratégia recorrente é a dramatização do discurso, vinculada ao *pathos*. Desde Aristóteles, reconhece-se que convencer não basta; é preciso “tocar” o público, colocando-o em determinada disposição de espírito. Essa dramatização pode se manifestar por meio de recursos expressivos que buscam provocar emoções, como indignação, medo, esperança ou solidariedade, criando um clima emocional que orienta o julgamento e a adesão dos ouvintes. Nesse sentido, as emoções funcionam como representações sociais impregnadas de valores e julgamentos, capazes de desencadear comportamentos e de aproximar o público do ponto de vista do orador. Assim, a dramatização do discurso político é uma forma de encenação persuasiva, que traduz em emoção os valores que se pretende defender.

Por fim, destaca-se também a desqualificação do adversário como estratégia discursiva. O discurso político é frequentemente dialógico e conflitivo; ele se constrói não apenas pela afirmação de si, mas pela negação do outro. O sujeito político, ao combater um adversário, muitas vezes busca rejeitar e enfraquecer os valores e ideias opostos, demonstrando sua inconsistência ou seu perigo. Contudo, como aponta Charaudeau, a complexidade de uma argumentação racional muitas vezes é substituída por procedimentos mais diretos e afetivos, como os ataques ad hominem. Neles, o foco desloca-se das ideias para a pessoa do oponente, questionando sua moralidade, suas contradições e sua credibilidade, o que transforma o embate racional em uma disputa simbólica de caráter emocional. Essa desqualificação, ao mesmo tempo pode fragilizar o adversário e reforçar o *ethos* do locutor como portador da verdade e protetor do bem comum.

Desta forma, as estratégias discursivas no contexto político-ideológico podem articular razão e emoção para construir efeitos de sentido e de persuasão. Oscilando entre a fabricação de uma imagem do real e a fabricação de uma imagem de ficção, o discurso político geralmente busca mobilizar a racionalidade do *logos*, a credibilidade do *ethos* e a emoção do *pathos* para legitimar suas ideias, conquistar adesão e reforçar identidades coletivas. Essas estratégias, ao mesmo tempo linguísticas e simbólicas, revelam que o poder da linguagem política não reside apenas no que é dito, mas sobretudo em como se diz, quem diz e com que finalidade o diz.

4. ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO X

Este capítulo constitui o eixo empírico da pesquisa, no qual o arcabouço teórico-metodológico construído a saber, a perspectiva semiolinguística de Charaudeau e a compreensão do X como espaço discursivo singular, é aplicado à análise concreta do corpus. O propósito central é examinar como as estratégias e recursos discursivos, delineados nos capítulos anteriores, materializam-se nas postagens de perfis de direita, produzindo sentidos específicos sobre as mudanças climáticas. Para tanto, a análise organiza-se em dois movimentos complementares. Primeiramente, no item 4.1, será realizado um exame detalhado dos elementos discursivos presentes nas postagens, identificando as condições de produção, e interpretando os recursos linguísticos e as estratégias enunciativas mobilizadas.

Em seguida, no item 4.2, o foco se deslocará para uma síntese interpretativa dos sentidos ideológicos mais amplos construídos por essas narrativas, articulando-as ao contexto mais amplo da disputa política.

Para esta síntese, os discursos sobre mudanças climáticas serão organizados em três categorias analíticas principais:

- (1) Discurso negacionista;
- (2) Discurso de minimização da gravidade do tema;
- (3) Discurso de politização antagonista do tema.

Dessa forma, busca-se responder à problemática da pesquisa, demonstrando a materialidade discursiva das narrativas em análise.

4.1 Elementos discursivos presentes nas postagens

A análise do corpus, composto por 5 postagens de políticos de direita no X, revela um conjunto coerente de elementos discursivos que operam em

conformidade com as condições de produção da plataforma. Seguindo o procedimento metodológico estabelecido, a observação inicia-se pela identificação das condições de produção, o que inclui a estrutura do contrato de comunicação, para em seguida identificar os recursos linguísticos e estilísticos, e finalmente interpretar as estratégias de enunciação que daí emergem.

As condições de produção são imediatamente marcadas pela natureza do *microblogging* e pelo contexto político polarizado. A lógica do *microblogging* pode impor concisão, favorecendo enunciados que condensam posicionamentos complexos em fórmulas breves, assertivas e diretamente orientadas para provocar engajamento. Essa economia discursiva parece reforçar o uso de estratégias persuasivas de forte impacto afetivo, o que se harmoniza com o comportamento da audiência, habituada a interpretar rapidamente signos visuais, *hashtags*, ironias, e frases de efeito. Há, portanto, um contrato que pressupõe não apenas a competência linguística, mas também uma competência interpretativa caracterizada pela familiaridade com repertórios culturais, políticos e midiáticos compartilhados.

O *ethos* institucional dos perfis (deputados federais) é reconfigurado dentro desse ambiente, no qual a autoridade política convive com um tom informal e combativo. O contrato de comunicação que se estabelece pressupõe que o público reconheça simultaneamente essas duas dimensões: a legitimidade do cargo e a performance discursiva típica das redes, mais direta, emocionais e caracterizada pelo enfrentamento. A plataforma, ao recompensar conteúdos que suscitam reações intensas, tende a fortalecer essa dinâmica e contribuir para que determinadas escolhas linguísticas e estilísticas se tornem previsíveis dentro do jogo de expectativas mútuas entre enunciadorees e seguidores. O contrato comunicacional ali operante legitima, portanto, a fusão entre posição de poder e estilo polêmico, permitindo que tais atores se apresentem simultaneamente como autoridades políticas e como sujeitos indignados, defensores do “bom senso” ou denunciadores de supostas manipulações. Ao mesmo tempo, o sujeito interpretante que circula nesse espaço é interpelado como alguém que compartilha de determinada visão de mundo, familiarizado com códigos internos da comunidade discursiva e predisposto a decodificar ironias, oposicionismos e insinuações.

Partindo desses pressupostos, a primeira postagem a ser analisada é de Mario Frias, ator e político brasileiro que atualmente é Deputado Federal pelo PL (Partido

Liberal) segundo o portal da Câmara dos Deputados. A postagem reúne 18,1 mil curtidas, 3.572 repostagens e 74 comentários, números que indicam ampla circulação dentro da rede e reforçam seu potencial de impacto discursivo dentro do X. O *tweet* é uma resposta direta à publicação da Revista Fórum, que afirmava que a casa de Mel Gibson havia sido consumida pelo fogo enquanto o ator negava a crise climática durante uma entrevista. Assim, a postagem de Frias surge em ambiente polêmico, marcado pelo confronto político-ideológico e pela rápida circulação de informações polarizadas.



MarioFrias ✓
@mfriasoficial

Seguir

A casa dele foi engolida pelo fogo, não por causa da fantasia aloprada que vocês criaram, foi queimada porque o aloprado do governador de extrema-esquerda impediu o manejo nas florestas para impedir proliferação dos focos rotineiros de queimadas que acontecem no local, ele fez isso justamente porque proibiu qualquer corte de madeira, alegando essa loucura de aquecimento global. Não bastasse isso, a doida da prefeita de extrema-esquerda deixou faltar água nos hidratantes porque, supostamente, a água no hidrante iria afetar alguma espécie de peixe, sabe como é, melhor gente morrendo queimada do que peixinhos serem incomodados. Enfim, a casa dele foi queimada por causa de idiotas e psicopatas como vocês!



Revista Fórum ✓
@revistaforum

Seguir

Casa de Mel Gibson era engolida pelo fogo enquanto ele negava a crise climática durante entrevista



Casa de Mel Gibson era engolida pelo fogo enquanto ele negava a...

De revistaforum.com.br

18:15 · 10 jan. 25 · **240K** Visualizações

3.572 Republicações **74** Comentários **18,1K** Curtidas

Fonte: Conta do X/Twitter de Mario Frias (2025)

No que diz respeito aos recursos multimodais, a manchete, ao apresentar a narrativa de que a casa de Mel Gibson foi tomada pelo fogo enquanto ele negava a

crise climática, funciona como ponto de partida para o enunciador construir sua contraposição. A imagem reforça a oposição entre o discurso midiático sobre mudanças climáticas, representado pela matéria, e o discurso do político de direita, que se coloca como desmentidor e contestador. Nessa relação multimodal, a matéria funciona como objeto de refutação, enquanto o texto produzido por Frias assume o papel de discurso corretivo, intensificando a disputa de sentidos em torno das causas dos incêndios e, por extensão, da própria crise climática.

Quanto aos recursos linguísticos no nível léxico-semântico, observa-se uma escolha vocabular marcadamente avaliativa e depreciativa, típica de discursos que buscam deslegitimar tanto o adversário político quanto o próprio debate climático. A expressão “fantasia aloprada” é empregada para se referir à crise climática, sugerindo que o aquecimento global não possui fundamento real, mas nasce de um delírio ideológico. O uso do vocábulo “loucura” parece desqualificar a justificativa ambiental para proibição do corte de madeira, reforçando o enquadramento da pauta ambiental como irracional e extremista. Do mesmo modo, o uso de termos como “idiotas” e “psicopatas” direcionados aos interlocutores podem produzir forte polarização afetiva, posicionando o falante como vítima de políticos incompetentes e militantes perigosos. Esse léxico pode operar simultaneamente para ridicularizar as políticas ambientais, negar a legitimidade das medidas de prevenção climática e mobilizar um *ethos* de indignação moral.

No nível estilístico, percebem-se figuras de linguagem que intensificam os efeitos argumentativos. A ironia aparece, por exemplo, na expressão “melhor a gente morrendo queimada do que peixinhos serem incomodados”, que, além de minimizar a importância da proteção ambiental, torna possível construir uma caricatura exagerada das políticas ecológicas, atribuindo-lhes uma suposta preocupação absurda com peixes enquanto vidas humanas estariam em risco. A hipérbole se evidencia quando o autor classifica os grupos críticos como “psicopatas”, termo que parece ampliar artificialmente a gravidade da divergência política e transforma opositores em figuras moralmente degeneradas, reforçando a dramatização do discurso.

Esses recursos léxico-semânticos e estilísticos articulam-se diretamente com as estratégias discursivas mobilizadas na postagem. A desqualificação do adversário é construída pela combinação de insultos, ironias e exageros que não

apenas diminuem a credibilidade da mídia e dos gestores de esquerda, mas também ridicularizam as narrativas sobre mudança climática, apresentando-as como delírios ideológicos. A dramatização do discurso emerge do tom indignado e apocalíptico, especialmente quando a ironia e a hipérbole são usadas para sugerir que políticas ambientais colocam vidas humanas em risco para proteger peixes. Esse movimento intensifica o *pathos* e tendem a gerar no leitor uma sensação de injustiça, descaso e perigo concreto atribuídos aos agentes políticos associados à pauta ambiental. Ao mesmo tempo, há uma construção de imagem de si baseada na figura de alguém que denuncia a negligência governamental e defende o “bom senso” contra supostos exageros ecológicos. Frias parece se apresentar como porta-voz da racionalidade e da verdade, contrapondo-se ao adversário retratado como irresponsável, incoerente e motivado por ideologia extremista.

A segunda postagem a ser analisada é de Bia Kicis, Deputada Federal pelo Partido Liberal (PL-DF). Publicada em 4 de dezembro de 2023, a postagem obteve 136 mil visualizações, 2.525 repostagens, 7.216 curtidas e 160 comentários.



Bia Kicis ✓
@Biakicis

Seguir

Usam a narrativa climática para controlar a produção, o que podemos plantar, comer, ter e muito mais. O que querem mesmo é o domínio da população e para isso passam por cima das liberdades e da soberania dos países. Lula propõe que o Congresso seja ignorado e as decisões tomadas pelas elites globalistas. Isso sim é GOLPE!



9:23 · 04 dez. 23 · 136K Visualizações

2.525 Republicações 160 Comentários 7.216 Curtidas

Fonte: Conta no X/Twitter de Bia Kicis. (2023)

No que diz respeito aos recursos multimodais, a postagem estrutura-se como uma dupla enunciação: o comentário da deputada inclui um vídeo de uma notícia da Jovem Pan News. A imagem de preview da notícia, com a manchete em destaque

“LULA DIZ QUE DECISÕES DEVE SER TOMADAS SEM PASSAR PELO CONGRESSO NACIONAL”, opera como uma “prova” visual que ancora a denúncia feita no texto. A multimodalidade cria uma relação de causa e efeito imediata: a “narrativa climática” (causa alegada) levaria a ações concretas de supressão democrática (efeito exemplificado).

Quanto aos recursos linguísticos, no nível léxico-semântico, a escolha vocabular é orientada por um campo semântico de conspiração, perda de liberdade e ruptura institucional. O termo “narrativa climática” é fundamental: ao substituir “debate”, “questão” ou “problema” por “narrativa”, o sentido pode ser deslocado do campo da factualidade para o da ficção. Isto porque o termo utilizado é frequentemente associado a histórias fictícias, o que pode acabar sugerindo que o tema é um instrumento retórico, não uma realidade a ser enfrentada. O léxico de controle é explícito: “controlar a produção”, “domínio da população”, “passam por cima das liberdades e da soberania”. A palavra “globalistas” funciona como um significante ideológico carregado, designando um grupo difuso e poderoso que age contra os interesses nacionais. O discurso de priorização da economia sobre o clima se manifesta na enumeração “o que podemos plantar, comer, ter”, que apresenta a agenda climática primariamente como uma limitação indevida à liberdade econômica e ao consumo, e não como uma resposta a um risco coletivo. No nível estilístico, a enumeração crescente (“plantar, comer, ter e muito mais”) tende a amplificar a sensação de ameaça totalitária. A antítese entre “liberdades e soberania” (valores positivos) e “domínio” (valor negativo) estrutura o raciocínio. O uso de maiúsculas e ponto de exclamação em “GOLPE!” constitui uma hipérbole gráfica, transformando a acusação em um slogan impactante e de fácil memorização, adequado à economia da atenção do X.

Esses recursos linguísticos parecem concretizar estratégias discursivas específicas. A desqualificação do adversário opera por associação e redução: Lula e as “elites globalistas” são desqualificados não em um debate sobre méritos ambientais, mas por serem acusados de usar uma “narrativa” falsa como pretexto para um projeto autoritário (“domínio”, “ignorar o Congresso”). A questão climática parece então ser reduzida a uma ferramenta de golpe, esvaziando seu conteúdo substantivo. A dramatização do discurso (pathos) busca mobilizar medo e indignação diante de uma dupla ameaça: a perda da soberania nacional (para

“globalistas”) e das liberdades individuais (controle sobre o que plantar, comer, ter). O pathos é o do cidadão e da nação sob cerco. Por fim, a construção de ethos posiciona Bia Kicis como a guardiã das instituições democráticas e da soberania popular. Seu ethos é o da defensora intransigente da Constituição (o Congresso como instância legítima) e das liberdades fundamentais contra um suposto avanço tecnocrático e globalista. Ela se apresenta como a voz que decifra e denuncia o “verdadeiro” objetivo por trás de discursos aparentemente técnicos ou benevolentes.

O próximo tweet analisado foi publicada por Eduardo Bolsonaro, deputado federal pelo PL, em seu perfil no X. O conteúdo reúne 23,1 mil visualizações, 655 republicações, 10 comentários e 1.741 curtidas, números que indicam que o enunciado circulou amplamente dentro da plataforma.



Eduardo Bolsonaro
@BolsonaroSP

Seguir

Antes era AQUECIMENTO GLOBAL, agora mudaram para MUDANÇA CLIMÁTICA, pois assim esfriando ou aquecendo os SSIENTISTAS estarão certos! 😊

A propósito, legal demais as previsões para daqui a 100 ou 200 anos, assim se forem erradas ninguém estará mais aqui pra responder mesmo, né?



19:38 · 13 jul. 24 · 23,1K Visualizações

655 Republicações 10 Comentários 1.741 Curtidas

Fonte: Conta no X/Twitter de Eduardo Bolsonaro (2024)

Assim como nas demais postagens do corpus, trata-se de um texto produzido dentro do ambiente retórico característico do X: mensagens curtas, tom combativo, forte polarização ideológica e uso recorrente de recursos expressivos que favorecem impacto imediato. A postagem inclui também a imagem de uma matéria antiga de jornal, cuja manchete afirma que a Amazônia “será uma imensidão de

areia” em 2010. Essa fotografia funciona como elemento de ancoragem argumentativa, pois o enunciador a utiliza como suposta evidência de que previsões climáticas seriam exageradas ou infundadas, recurso que reforça o caráter polêmico da interação.

No plano linguístico, alguns aspectos se destacam. O uso de letras maiúsculas em palavras como “AQUECIMENTO GLOBAL” e “MUDANÇA CLIMÁTICA” torna possíveis efeitos de intensificação, destacando-as como termos cuja legitimidade está sendo colocada em dúvida. A grafia propositadamente incorreta “SSIENISTAS”, além de marcar ironia, pode funcionar como forma de desqualificação simbólica: ao distorcer o termo, o enunciador parece sugerir que a categoria profissional mencionada não merece credibilidade, construindo um efeito de ridicularização. A ironia também aparece no emoji piscando, que marca um tom jocoso e insinuante, aparentemente reforçando a postura de desdém em relação ao debate climático. No nível lexical, a escolha da palavra “previsões” merece atenção, pois, embora não seja possível afirmar a intenção exata do enunciador ao escolhê-la, seu uso é geralmente acompanhado de um contexto de adivinhação ou especulação, o que associaria o discurso científico a algo incerto ou improvável. Essa seleção pode funcionar para sugerir que prever transformações climáticas de longo prazo seria uma tentativa irrealista e fadada ao fracasso, contribuindo para minar a confiança na ciência climática. A estrutura “legal demais as previsões para daqui a 100 ou 200 anos” tende a reforçar essa ideia por meio de um tom de forte ironia, que tem como efeito esvaziar a seriedade das projeções científicas e aproximá-las do campo do exagero ou do absurdo. Além disso, a afirmação de que “ninguém estará mais aqui para responder mesmo” indica a construção de um *ethos* cético, insinuando que cientistas fariam previsões irresponsáveis justamente porque não seriam cobrados por elas, formulação que agrega um julgamento moral implícito.

Esses recursos linguísticos articulam-se diretamente às estratégias discursivas mobilizadas na postagem. A desqualificação do adversário, estratégia recorrente no corpus, aparece pela ridicularização dos cientistas, tratados como figuras que supostamente manipulam termos e previsões para sempre estarem “certos”. A ironia e a grafia distorcida, nesse sentido, cumprem papel fundamental na construção dessa desqualificação, pois transferem a crítica do campo das ideias

para o campo da moralidade e da competência dos sujeitos envolvidos. Parece haver também a fabricação de uma imagem de real que se apresenta como “corretiva”: ao exibir a manchete antiga como prova de erro, o enunciador parece buscar criar o efeito de que sua crítica se apoia em fatos concretos, mesmo que a relação entre o recorte histórico e o debate atual seja construída de modo simplificado. Esse apelo ao real torna possível sustentar a ideia de que os discursos científicos seriam inconsistentes ao longo do tempo, uma estratégia que desloca o debate das mudanças climáticas para o domínio da incerteza e da suspeita. Simultaneamente, a dramatização aparece de forma mais sutil, sustentada pelo tom sarcástico que estrutura a postagem. O enunciador provoca o leitor a compartilhar da sensação de que estaria sendo enganado ou manipulado, criando um *pathos* de desconfiança. Ao ironizar previsões de longo prazo, ele produz um clima discursivo em que a ciência climática é apresentada como exagerada, incoerente ou oportunista, favorecendo a emergência de emoções como irritação ou descrédito. Por fim, a construção de ethos se orienta para a figura do sujeito que revela incoerências e questiona discursos supostamente aceitos sem crítica. O enunciador se posiciona como alguém que “desmascara” narrativas climáticas, um ethos de vigilância e contestação que se harmoniza com a lógica de polarização e confronto característica do espaço discursivo do X.

A postagem a seguir foi publicada por Ricardo Salles, deputado federal filiado ao partido novo, e contabiliza 36,6 mil visualizações, 472 republicações, 14 comentários e 3.547 curtidas.



Ricardo Salles 
@rsallesmma

Seguir

O governo do Pará deveria alugar os barracos e palafitas das favelas na cidade e colocar todos esses políticos e ambientalistas europeus para dormir lá durante a COP30. Quem sabe essa turma para de discutir idiotices e começa a prestar a atenção no que realmente importa.

12:33 · 03 mar. 25 · **36,6K** Visualizações

472 Republicações **14** Comentários **3.547** Curtidas

Fonte: Conta no X/Twitter de Ricardo Salles (2025)

No que se refere ao eixo linguístico, o enunciado organiza-se em torno de uma estrutura condicional, “O governo do Pará deveria alugar os barracos e palafitas das favelas [...] e colocar todos esses políticos e ambientalistas europeus para dormir lá durante a COP30”, que opera como um experimento imaginativo, mas com função argumentativa implícita. A escolha dos termos “barracos” e “palafitas” ativa um campo semântico associado à precariedade material extrema, evocando espacialidades marcadas por vulnerabilidade socioeconômica. Essa lexicalização produz um contraste com a construção dos referentes “políticos e ambientalistas europeus”, sugerindo um deslocamento irônico: sujeitos percebidos como distantes da realidade local seriam colocados em contato direto com uma condição de vida considerada “real”. O uso dessa estrutura tende a mobilizar o sentido de que a experiência corporalizada da pobreza funcionaria como mecanismo de correção de prioridades.

No segmento seguinte: “Quem sabe essa turma para de discutir idiotices e começa a prestar atenção no que realmente importa”, intensifica-se o tom avaliativo. O termo “idiotices” funciona como marcador depreciativo, que desqualifica, sem explicitá-las, as pautas normalmente associadas a esses grupos. Da mesma forma, a expressão “o que realmente importa” opera como construção de um referente vazio, que adquire sentido por contraste: se há algo “realmente importante”, então o que está sendo discutido na COP30 é posicionado no polo oposto, como secundário ou irrelevante. O advérbio “realmente” reforça esse efeito por meio da pressuposição de que existiria uma hierarquia de prioridades objetiva, não dependente de debate. O enunciado não especifica quais temas comporiam essa ordem de importância, mas, ao situar o debate climático no campo das “idiotices”, deixa implícita uma possível desvalorização das questões ambientais em comparação às econômicas e materiais.

Esses recursos linguísticos articulam-se a estratégias discursivas recorrentes no *corpus*. A desqualificação do adversário se manifesta tanto na atribuição de “idiotices” às discussões da COP30 quanto na representação dos participantes europeus como sujeitos alheios à realidade local, sugerindo que lhes faltaria conhecimento ou legitimidade para opinar. Essa estratégia desloca o debate do

plano técnico para o plano moral, produzindo efeitos de sentido em que o adversário aparece como desconectado, superficial ou indiferente às condições socioeconômicas da população amazônica. Já a dramatização emerge da própria construção da cena hipotética: imaginar autoridades estrangeiras dormindo em “barracos” e “palafitas” cria uma imagem forte, carregada de apelo afetivo, que intensifica o contraste entre pobreza concreta e debates internacionais tidos como abstratos. Esse movimento pode favorecer um pathos de indignação ou de cobrança.

Além disso, há elementos de fabricação de imagem de real por meio da referência espacial às “favelas da cidade” e às condições de moradia precárias, que funcionam como indexadores de uma materialidade supostamente negligenciada pelos atores internacionais. A postagem sugere que o contato com essa realidade serviria como evidência suficiente para reorientar prioridades políticas, propondo uma espécie de pedagogia da experiência. No plano do ethos, o enunciador se posiciona como alguém que denuncia essa falta de contato com a “realidade” e defende que os debates devem se concentrar no que seria “importante” para a população local, um ethos de defensor da racionalidade prática e das necessidades econômicas, em contraste com o ethos atribuído aos interlocutores, percebidos como idealistas ou desconectados.

Assim, os recursos linguísticos (“barracos”, “idiotices”, “o que realmente importa”, estrutura condicional irônica), combinados às estratégias discursivas de desqualificação, dramatização e fabricação de real, constroem sentidos possíveis de hierarquização entre pautas socioeconômicas e ambientais. O enunciado mobiliza contrastes que sugerem que a experiência direta da precariedade poderia reordenar as prioridades de políticos e ambientalistas, possivelmente implicando que debates climáticos ocupam um lugar menos urgente diante de problemas materiais vividos pela população local.

A próxima postagem analisada é de Deputado Delegado Zucco, deputado estadual do Republicanos do Rio Grande do Sul, cujo tweet foi publicado em 24 de junho de 2025 e apresenta uma composição multimodal marcadamente persuasiva. O conteúdo reúne 9 249 visualizações, 1.444 curtidas, 23 comentários e 742 republicações.



Deputado Delegado Zucco @Delegado... · 24 jun.

Enquanto o Rio Grande do Sul vive estado de calamidade por enchentes e desabrigados, a ministra Marina Silva embarca para a Europa discutir o clima. Temos problemas reais no RS, mas prioridades do governo estão longe de nossas urgências. Gaúchos precisam de ação, não de passeios diplomáticos!



102 766 1,4K 9,2K

Fonte: Conta no X/Twitter de Deputado Delegado Zucco (2025)

O tweet de Delegado Zucco combina texto verbal e uma imagem editada que coloca a ministra Marina Silva em primeiro plano, em postura séria, sobreposta a dois cenários contrastantes: de um lado, símbolos da Europa (como o Big Ben e um ônibus vermelho), e de outro, uma paisagem de destruição causada pelas enchentes no Rio Grande do Sul. A montagem cria um efeito possível de oposição espacial e moral: enquanto a Europa é representada como cenário distante e

separado da realidade local, o Rio Grande do Sul aparece como espaço de urgência e sofrimento. A inserção da frase “O GOVERNO LULA NÃO SE IMPORTA COM RS!” em caixa alta e em destaque reforça visualmente a acusação política feita no texto. Assim, a multimodalidade opera para produzir uma narrativa de contraste entre prioridade e abandono, ancorando no plano visual o argumento central de deslocamento indevido de atenção governamental.

No plano dos recursos linguísticos, no nível léxico-semântico, o vocabulário empregado constrói uma avaliação negativa tanto da atuação federal quanto da ministra. Palavras como “calamidade”, “desabrigados”, “urgências” e “ação” ativam um campo semântico de emergência, necessidade imediata e sofrimento coletivo. Por outro lado, a expressão “passeios diplomáticos”, apresentada num tom depreciativo, desloca a viagem oficial para o plano da futilidade, minimizando sua relevância institucional. O uso de “discutir o clima” opera duplamente: primeiro, cria o efeito de que a pauta climática seria abstrata ou secundária; segundo, ao contrastar essa atividade com os “problemas reais no RS”, pode produzir o efeito de deslegitimar o deslocamento da ministra ao tema climático naquele momento. Embora o enunciado não negue as mudanças climáticas nem questione diretamente sua gravidade, o enquadramento discursivo pode gerar o sentido de que a pauta ambiental estaria desconectada da realidade concreta do desastre — ou que seria mal priorizada em relação às necessidades locais.

No nível estilístico, observa-se o uso de recursos de intensificação, como a relação antitética entre “discutir o clima” e “calamidade” ou entre “Europa” e “RS”. A construção “Gaúchos precisam de ação, não de passeios diplomáticos!” apresenta-se como uma formulação sintética e de forte apelo emocional, marcada por paralelismo e oposição. A frase produz ritmo e contundência, favorecendo sua circulação como slogan. A modalização avaliativa (“precisam de ação”) reforça a autoridade do enunciador ao sugerir que sua visão sobre prioridades representa a verdadeira necessidade da população local. Não é possível afirmar a intenção do político ao estruturar o enunciado dessa forma, mas a formulação pode produzir no leitor o efeito de contraste moral entre responsabilidade e negligência.

Esses recursos linguísticos e multimodais articulam-se em estratégias discursivas características do ambiente polarizado do X. A desqualificação do adversário é construída não por negação explícita das mudanças climáticas, mas

por um enquadramento que transforma a ação climática em símbolo de descaso político. Assim, cria-se um deslocamento: a pauta ambiental não é descredibilizada em si, mas apresentada como instrumento de má gestão de prioridades ou de insensibilidade às urgências locais. O efeito possível é o de esvaziar a centralidade da questão climática no contexto do desastre, uma forma de subalternização discursiva do tema, que não o nega, mas o torna politicamente irrelevante ou inadequado para o momento. Simultaneamente, há uma dramatização do discurso por meio do contraste visual e lexical entre o cenário europeu e o cenário da enchente. O pathos mobilizado é o da indignação diante de uma suposta inversão de prioridades do governo federal. A montagem da imagem e o uso de caixa alta intensificam a dramatização, produzindo um efeito de urgência e abandono. Por fim, a construção de ethos posiciona o enunciador como defensor dos cidadãos do Rio Grande do Sul e como alguém que denuncia a negligência do governo. Esse ethos de guardião das urgências locais se articula à lógica da crítica política, reforçando um posicionamento alinhado à oposição ao governo federal.

Desse modo, o tweet de Zucco não opera por negação direta da crise climática, mas por uma forma particular de deslocamento discursivo: a pauta climática aparece como secundária, inadequada ou mal orientada, enquanto a urgência local é apresentada como o critério legítimo de ação política. Essa estratégia contribui para a produção de sentidos que, embora não descredibilizem explicitamente o debate climático, podem enfraquecê-lo ao remetê-lo ao campo da desconexão prática ou da instrumentalização política.

4.2 Sentidos mobilizados pelas narrativas de direita

A análise detalhada dos elementos discursivos, realizada no item anterior, revela que as estratégias linguísticas e estilísticas não são recursos isolados. Elas se articulam de forma coesa para construir e consolidar três grandes conjuntos de sentidos ideológicos sobre as mudanças climáticas, que correspondem às categorias analíticas previamente estabelecidas. Este item busca sintetizar e interpretar esses sentidos, demonstrando como eles se organizam em narrativas maiores que disputam a legitimidade do tema no espaço público digital, articulando-o a um projeto político mais amplo.

4.2.1 O sentido da negação: esvaziamento da factualidade científica

A primeira camada de sentido, mais radical, opera através da negação direta da factualidade e da credibilidade da ciência climática. Esse sentido não se limita a questionar políticas, mas ataca os próprios fundamentos epistemológicos do consenso científico. A postagem de Eduardo Bolsonaro é paradigmática dessa estratégia. Ao exibir uma manchete antiga e incorreta como “prova” do fracasso das previsões científicas, o discurso fabrica um “arquivo do erro” que serve para deslegitimar todo o campo do conhecimento climático. A grafia distorcida “SSIENTISTAS” e o tom sarcástico (“legal demais as previsões”) não são apenas ironias; são operações discursivas que buscam transferir a questão do plano da evidência para o plano da desconfiança moral. O sentido produzido é o de que a ciência do clima não seria um empreendimento de busca pela verdade, mas uma atividade marcada pela manipulação, pela incoerência e pela irresponsabilidade (“ninguém estará mais aqui para responder mesmo”). Ao ridicularizar a autoridade científica, essa narrativa constrói um mundo possível onde o “aquecimento global” e a “mudança climática” (termos grafados em maiúsculas para sinalizar seu caráter de slogan suspeito) são fantasias ou engodos, categorias semelhantes às mobilizadas por Mario Frias (“fantasia aloprada”).

O efeito ideológico dessa narrativa é a produção de um ceticismo radical, que exonera o sujeito interpretante — interpelado como “cidadão de bom senso” — da

necessidade de levar a sério alertas, dados ou projeções. A negação, portanto, não é apenas um conteúdo, mas uma posição discursiva de imunização contra argumentos baseados em evidências, posicionando o falante como um desmistificador corajoso em um mar de desinformação supostamente patrocinada.

4.2.2 O sentido da minimização e do deslocamento: a rehierarquização das prioridades políticas

A segunda camada de sentido, mais frequente e sutil, não nega frontalmente o fenômeno, mas minimiza sua gravidade imediata ou desloca sua prioridade na agenda política. Este sentido é construído através de um poderoso enquadramento competitivo, que opõe a pauta climática a outras consideradas mais urgentes, reais ou legítimas.

Na postagem de Ricardo Salles, a estratégia é ancorada em uma geopolítica discursiva do local. A “realidade” das “favelas” e dos “barracos” é construída como o espaço autêntico e legítimo de definição de prioridades, em oposição ao espaço abstrato e alienado da “COP30” e dos “ambientalistas europeus”. O sentido mobilizado é o de que a agenda climática é uma “idiotice” de elites distantes, um luxo discursivo que desvia atenção e recursos dos “verdadeiros” problemas materiais (pobreza, habitação, desenvolvimento econômico). A pauta ambiental é, assim, rebaixada na hierarquia das urgências.

Esse movimento é intensificado na postagem de Delegado Zucco. A oposição multimodal e linguística entre “discutir o clima na Europa” e a “calamidade no RS” cria um dilema moral forçado. O sentido produzido é o de que a ação climática (simbolizada pela viagem diplomática) não é apenas secundária, mas concorrente e excludente em relação à ação emergencial. A narrativa implica que cuidar do clima significa necessariamente negligenciar o povo, fabricando uma falsa contradição entre bem-estar social e sustentabilidade ambiental. Da mesma forma, Bia Kicis enquadra a “narrativa climática” como ferramenta para um fim maior e nefasto: o “domínio da população” e o “golpe” contra as instituições. O tema climático é, portanto, esvaziado de seu conteúdo substantivo e reduzido a um cavalo de troia para projetos autoritários, o que minimiza sua importância própria e o desloca para o campo da luta política pela soberania.

O efeito ideológico dessas estratégias é duplo. Primeiro, naturaliza uma escolha entre desenvolvimento socioeconômico e proteção ambiental, ignorando a interdependência entre esses fatores. Segundo, transforma a definição de “urgência” em um campo de batalha política, onde a pauta climática pode ser constantemente adiada ou desconsiderada em nome de crises consideradas mais “palpáveis” ou “nacionais”.

4.2.3 O sentido da politização antagonista: o clima como instrumento da guerra cultural

Subjacente a ambos os sentidos anteriores, e servindo como seu terreno comum, está a politização antagonista do tema. As mudanças climáticas são sistematicamente reinseridas no quadro da guerra cultural que caracteriza o discurso da direita no ambiente digital polarizado. Elas deixam de ser um desafio coletivo de caráter global e científico para se tornarem um símbolo identitário de um campo político oposto.

Isso é evidente na forma como os adversários são construídos: não como interlocutores em um debate técnico, mas como “psicopatas” (Frias), “globalistas” (Kicis), elites desconectadas (Salles) ou agentes de um “governo que não se importa” (Zucco). A pauta climática é assim amarrada a um complexo semiótico que inclui a esquerda política, a mídia tradicional, as ONGs internacionais e as instituições multilaterais, todos representados como parte de uma coalizão global contra os interesses nacionais e a liberdade individual. A postagem de Bia Kicis é explícita ao vincular “narrativa climática” a “controlar a produção” e “passar por cima das liberdades”.

O sentido final mobilizado é, portanto, o de que “crer” nas mudanças climáticas ou priorizar a agenda ambiental é um ato de alinhamento político-ideológico com a esquerda e com o globalismo. Por outro lado, resistir a essa narrativa ou subordiná-la a outras prioridades torna-se um marcador de identidade política de direita, um sinal de “bom senso”, patriotismo e defesa da liberdade econômica. O pathos mobilizado — indignação, medo do controle, desconfiança —

é o mesmo mobilizado em outras frentes da guerra cultural, criando uma economia afetiva coerente para a comunidade discursiva.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral analisar, sob a perspectiva semiolinguística, os discursos sobre mudanças climáticas produzidos por perfis com posicionamento político-ideológico de direita na plataforma X (antigo Twitter). Para alcançar essa finalidade, foram estabelecidos três objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico consistiu em investigar como os discursos ideológicos sobre mudanças climáticas se manifestam na plataforma X. A análise demonstrou que tais discursos se estruturam em torno de um conjunto de práticas enunciativas recorrentes, favorecidas pelas condições de produção próprias do ambiente digital, brevidade, lógica do engajamento, performance polêmica e valorização de embates. Identificou-se que os *perfis* analisados articulam sua atuação discursiva por meio de uma combinação de *ethos* de autoridade política e *ethos* combativo, criando uma identidade híbrida que conjuga legitimidade institucional e indignação moral.

O segundo objetivo específico buscou analisar os recursos linguísticos, imagéticos e estratégias discursivas empregados nas postagens. A investigação revelou o uso sistemático de léxico depreciativo, ironias, hipérboles, slogans, hashtags e contrastes multimodais entre texto e imagem. Esses elementos operam para ridicularizar adversários, reforçar a identificação com a comunidade interpretante, mobilizar afetos de indignação e criar efeitos de verdade que deslegitimam consensos científicos sobre o clima. A multimodalidade mostrou-se decisiva para amplificar essas estratégias, permitindo enquadramentos visuais que ancoram acusações, reforçam interpretações e fortalecem a oposição identitária entre “nós” e “eles”.

Por fim, o terceiro objetivo específico consistiu em identificar os sentidos construídos nas narrativas sobre mudanças climáticas. A análise interpretativa permitiu sintetizar esses sentidos em três categorias ideológicas principais: (1) discurso negacionista, que rejeita a factualidade científica e apresenta o aquecimento global como fraude; (2) discurso de minimização, que desloca prioridades e retrata o debate ambiental como exagero elitista; e (3) discurso de politização antagonista, que reinsere o tema na lógica da guerra cultural e o usa como marcador identitário. Assim, conclui-se que as narrativas de direita na plataforma X constroem enquadramentos discursivos que podem reconfigurar a percepção pública sobre a crise climática.

A pesquisa demonstrou que as postagens analisadas:

Deslegitimam especialistas e instituições científicas por meio de estratégias de ridicularização e descrédito; reorganizam hierarquias de urgência, priorizando pautas políticas e socioeconômicas em detrimento da crise ambiental; aproximam o tema climático de disputas identitárias e simbólicas próprias da polarização política brasileira; dependem fortemente das condições de produção digitais, que favorecem conflito, concisão e viralização.

Esses achados mostram que a disputa sobre o clima no ambiente digital é menos informacional e mais profundamente retórica, emocional e identitária.

A plataforma X revelou-se, portanto, muito mais do que um simples canal de transmissão dessas ideias. Sua arquitetura técnica, marcada pela brevidade, instantaneidade e lógica do engajamento, mostrou-se constitutiva das formas de dizer.

Algumas limitações, no entanto, devem ser reconhecidas: o corpus, composto por cinco postagens de atores políticos específicos, não representa toda a diversidade dos discursos de direita; a abordagem qualitativa privilegia profundidade interpretativa, mas não permite generalizações estatísticas; a natureza dinâmica do X implica que as estratégias identificadas podem se transformar rapidamente, exigindo acompanhamento contínuo.

Apesar dessas delimitações, a pesquisa contribui para ampliar o diálogo entre Análise do Discurso e estudos sobre comunicação digital; demonstrar a utilidade da perspectiva semiolinguística para compreender disputas ideológicas contemporâneas; preencher uma lacuna no repositório acadêmico da UEMA no que se refere a estudos sobre discursos político-ideológicos digitais relacionados ao clima; oferecer subsídios para práticas de letramento crítico digital, fundamentais em contextos de desinformação e polarização. Ao iluminar como se dão, na materialidade do discurso, a negação, a minimização e a polarização de um dos maiores desafios do nosso tempo, a pesquisa reforça a importância de se analisar não apenas o conteúdo das alegações, mas as próprias estruturas retóricas e os contratos comunicativos que lhes dão eficácia. A compreensão desses mecanismos é um passo fundamental para o desenvolvimento de um letramento crítico digital capaz de decifrar estratégias de persuasão e desmontar enquadramentos ideológicos.

Nesse sentido, abrem-se caminhos promissores para investigações futuras. Seria produtivo expandir o corpus para incluir perfis de influenciadores digitais e veículos midiáticos de direita, permitindo comparar estratégias entre diferentes atores dentro do mesmo ecossistema. Estudos longitudinais poderiam rastrear como essas narrativas se transformam em períodos eleitorais ou durante eventos climáticos extremos. Finalmente, pesquisas de recepção seriais, que investigassem como esses discursos são interpretados e ressignificados por diferentes públicos, poderiam completar a compreensão do ciclo de produção e circulação do sentido. Dessa forma, este trabalho não apenas analisa um fenômeno discursivo específico, mas também aponta para a necessidade contínua de se estudar as complexas relações entre linguagem, plataforma e poder na configuração do debate público contemporâneo.

REFERÊNCIAS

Amossy, R. **A argumentação no discurso**. Trad. Angela Maria da Silva Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.

BBC News. Musk planeja transformar o “X” em um “aplicativo para tudo”. BBC News, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-66679922#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=17648455984756&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fwww.bbc.com%2Fnews%2Ftechnology-66679922> Acesso em: 17 nov. 2025.

Bauman, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Bechara, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Castells, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

Charaudeau, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

Charaudeau, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

Charaudeau, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

Crystal, David. **A Revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Gillespie, Tarleton. **The relevance of algorithms**. In: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. (Org.). *Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society*. Cambridge, MA: MIT Press, 2014. P. 110. Tradução de Amanda Jurno.

Gitlin, T. **The whole world is watching: mass media and the making and unmaking of the new left**. Berkeley: University of California, 1980

Nguyen, C. Thi, 2020. **Echo chambers and epistemic bubbles**. *Episteme*. Online. 1 Jun. 2020. Vol. 17, no. 2, p. 141–161. [Acesso em 17 nov. 2025]. DOI 10.1017/EPI.2018.32.

Van Dijk, Teun A. **Discurso y poder**. Barcelona: Gedisa, 2009.

Zago, Gabriela da Silva. **Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características**, *Interin*, vol. 9, núm. 1, 2010. Pp. 1-12. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504450762009>> Acesso em 17 nov. 2025.

ANEXOS

Anexo 1



MarioFrias ✓
@mfriasoficial

Seguir

A casa dele foi engolida pelo fogo, não por causa da fantasia aloprada que vocês criaram, foi queimada porque o aloprado do governador de extrema-esquerda impediu o manejo nas florestas para impedir proliferação dos focos rotineiros de queimadas que acontecem no local, ele fez isso justamente porque proibiu qualquer corte de madeira, alegando essa loucura de aquecimento global. Não bastasse isso, a doida da prefeita de extrema-esquerda deixou faltar água nos hidratantes porque, supostamente, a água no hidrante iria afetar alguma espécie de peixe, sabe como é, melhor gente morrendo queimada do que peixinhos serem incomodados. Enfim, a casa dele foi queimada por causa de idiotas e psicopatas como vocês!



Revista Fórum ✓
@revistaforum

Seguir

Casa de Mel Gibson era engolida pelo fogo enquanto ele negava a crise climática durante entrevista



Casa de Mel Gibson era engolida pelo fogo enquanto ele negava a...

De revistaforum.com.br

18:15 · 10 jan. 25 · **240K** Visualizações

3.572 Republicações **74** Comentários **18,1K** Curtidas

Anexo 2



Bia Kicis ✓
@Biakicis

Seguir

Usam a narrativa climática para controlar a produção, o que podemos plantar, comer, ter e muito mais. O que querem mesmo é o domínio da população e para isso passam por cima das liberdades e da soberania dos países. Lula propõe que o Congresso seja ignorado e as decisões tomadas pelas elites globalistas. Isso sim é GOLPE!



9:23 · 04 dez. 23 · 136K Visualizações

2.525 Republicações 160 Comentários 7.216 Curtidas

Anexo 3



Eduardo Bolsonaro  
@BolsonaroSP

Seguir

Antes era AQUECIMENTO GLOBAL, agora mudaram para MUDANÇA CLIMÁTICA, pois assim esfriando ou aquecendo os SSIENTISTAS estarão certos! 😊

A propósito, legal demais as previsões para daqui a 100 ou 200 anos, assim se forem erradas ninguém estará mais aqui pra responder mesmo, né?



19:38 · 13 jul. 24 · 23,1K Visualizações

655 Republicações 10 Comentários 1.741 Curtidas

Anexo 4



Ricardo Salles ✓
@rsallesmma

Seguir



O governo do Pará deveria alugar os barracos e palafitas das favelas na cidade e colocar todos esses políticos e ambientalistas europeus para dormir lá durante a COP30. Quem sabe essa turma para de discutir idiotices e começa a prestar a atenção no que realmente importa.

12:33 · 03 mar. 25 · **36,6K** Visualizações

472 Republicações **14** Comentários **3.547** Curtidas

Anexo 5



Deputado Delegado Zucco  @Delegado... · 24 jun. 

Enquanto o Rio Grande do Sul vive estado de calamidade por enchentes e desabrigados, a ministra Marina Silva embarca para a Europa discutir o clima. Temos problemas reais no RS, mas prioridades do governo estão longe de nossas urgências. Gaúchos precisam de ação, não de passeios diplomáticos!



 102

 766

 1,4K

 9,2K

 